



A ALTERNÂNCIA DOS SUFIXOS [X-INHO] E [X-ZINHO] NOS DIMINUTIVOS: QUESTÃO ESTRUTURAL E DIALETAL

THE ALTERNATION OF SUFFIXES [X-INHO] AND [X-ZINHO] IN DIMINUTIVES: STRUCTURAL AND DIALECTAL ISSUE

Bruno Felipe Marques Pinheiro¹

RESUMO

Neste artigo, buscamos explicar a alternância de [x-inho] e [x-zinho] na formação dos diminutivos no português brasileiro. Para isto, selecionamos uma amostra de fala pertencente ao Banco de Dados Falares Sergipanos (FREITAG, 2017). No campo da morfologia, a modificação na estrutura linguística do diminutivo [base + sufixo] indica que os sufixos [x-inho] e [x-zinho] são duas formas autônomas ou dois alomorfes (LEITE, 1974; MENUZZI, 1993; MORENO, 1997; COSTA, 2002; BISOL, 2010). A partir dos pressupostos metodológicos da Sociolinguística Variacionista, associamos a variável dependente [x-inho] e [-zinho] com as variáveis independentes (base, tonicidade, extensão, classe e valor semântico), assumindo que a alternância dos sufixos também é sensível a valores dialetais. Os resultados da análise reforçam a distribuição e a alternância de dois sufixos diferentes, identificando que há uma associação entre os níveis estruturais e o emprego de um ou outro sufixo é condicionado principalmente pela base morfológica e pela tonicidade do diminutivo, contribuindo para que haja uma variação semântico-pragmática, mais sensível aos valores dialetais, entre as variedades do Português Brasileiro.

Palavras-chave: Alternância de [x-inho] e [x-zinho]; Diminutivos; Morfologia.

ABSTRACT

In this article, we seek to explain the alternation of [x-inho] and [x-zinho] in the formation of diminutives in Brazilian Portuguese. For this, we selected a speech sample from the Falares Sergipanos Database (FREITAG, 2017). In the field of morphology, the modification in the linguistic structure of the diminutive [base + suffix] indicates that the suffixes [x-inho] and [x-zinho] are two autonomous forms or two allomorphs (LEITE, 1974; MENUZZI, 1993; MORENO, 1997; COSTA, 2002; BISOL, 2010). Based on the methodological assumptions of Variationist Sociolinguistics, we associate the dependent variable [x-inho] and [-zinho] with the independent variables (base, tonicity, extension, class and semantic value). The results of the analysis reinforce the distribution and alternation of two different suffixes, identifying that there is an association between structural levels and the use of one or the other suffix is conditioned to factors of a structural nature, mainly the base and tonicity of the diminutive, contributing to a semantic-pragmatic variation, more sensitive to dialect values, among Brazilian Portuguese varieties.

Keywords: Alternation of [x-inho] and [x-zinho]; Diminutives; Morphology.

¹ Mestre em Letras pela Universidade Federal de Sergipe (UFS) pelo Programa de Pós-graduação em Letras (PPGL). Integrante do Grupo de Estudos em Linguagem, Interação e Sociedade (GELINS). bpinnheiro@hotmail.com

Introdução

No português, o diminutivo é descrito como o resultado de um processo no qual ocorre a junção entre a base de uma determinada palavra mais um sufixo, resultando em uma modificação no significado da palavra original. O sufixo diminutivo mais produtivo no português é [x-inho] concorrendo com [x-zinho], que o substitui depois da sílaba tônica “sol/*solzinho*” ou “pé/*pezinho*” e, facultativamente, em todos os outros casos, indicando uma espécie de justaposição “salinha/salazinha” (CÂMARA Jr., 1978).

Nas gramáticas mais tradicionais, o uso padrão para o diminutivo é referente à dimensão pequena (OLIVEIRA, 1536; BARBOSA, 1822; FREIRE, 1842; SOARES BARBOSA; 1845). Porém, ao decorrer do tempo, outros significados foram emergindo no português referente à dimensão afetiva, como a ideia de carinho (nenê está *dormindinho!*) ou de desprezo (aquela *menininha* é muito exibida!) (CUNHA; CINTRA, 1985; ROCHA LIMA; 1992; BECHARA, 2009; BAGNO, 2012).

Essa variabilidade nos usos dos diminutivos deve-se ao fato de os sufixos [x-inho] e [x-zinho] serem construções disponíveis para os falantes. Como tal, podem desempenhar, no processamento cognitivo das informações, novas funções comunicativas oriundas do contexto falante/ouvinte: os sufixos são armazenados no processamento lexical com as experiências dos falantes e a seleção de um sufixo ou outro é condicionada por motivações estruturais (HALLE, 1973; BYBEE, 1995).

No campo da morfologia, a modificação na estrutura linguística do diminutivo [base + sufixo] indica que os sufixos [x-inho] e [x-zinho] são duas formas autônomas ou dois alomorfes (LEITE, 1974; MENUZZI, 1993; MORENO, 1997; COSTA, 2002; BISOL, 2010). Ao desempenhar mais de uma função a depender da comunidade de falantes, eles dão origem a variação semântico/pragmática, condicionada por fatores estruturais.

Com base em uma metodologia descritiva, baseada nos pressupostos metodológicos da Sociolinguística Variacionista (LABOV, 1972), a partir de dados empíricos, buscamos explicar a alternância dos sufixos [x-inho] e [x-zinho] e as associações de variáveis linguísticas (base, tonicidade, extensão, classe e valor semântico) no emprego desses sufixos nas bases morfológicas dos diminutivos, assumindo que a alternância também é sensível a valores dialetais. Para isto, selecionamos uma amostra de fala do Nordeste pertencente ao Banco de Dados Falares Sergipanos (FREITAG, 2017) com entrevistas sociolinguísticas de estudantes universitários.

O texto inicia com uma caracterização do conceito de diminutivo e da seleção dos sufixos [x-inho] e [x-zinho] a partir de estudos gramaticais normativos e descritivos. Logo após, descrevemos a possibilidade de alternância entre [x-inho] e [x-zinho] nos diminutivos no português brasileiro. Depois, explicamos o método escolhido para estratificação da amostra, do cotejamento das ocorrências dos diminutivos e do tratamento estatístico. Por fim, apresentamos os resultados e as discussões da análise.

Os sufixos [x-inho] e [x-zinho] e a formação do diminutivo na abordagem normativa

No século XVI, o emprego de [x-inho] e [x-zinho] nas gramáticas aparece como o principal mecanismo de formação de palavras e com poucas informações sobre a forma e o funcionamento na estrutura da língua (SANTANA, 2017). Neste período, no que tange ao conceito de diminutivo, Barros (1540, p. 304, grifo nosso) indica que “é aquele com alguma diminuição do nome principal de onde se derivou como: de homem, ‘*homenzinho*’; de mulher, ‘*mulherzinha*’”. Fernão de Oliveira (1536) considera que os diminutivos sofrem um processo de derivação, o que ele chama de “dições tiradas”, que são palavras derivadas, em oposição às “dições primeiras”, que são as palavras primitivas.

Freire (1842) descreve os diminutivos referindo-se à modificação sofrida pelos primitivos devido ao significado de diminuição. Porém, identifica contextos morfológicos em que os sufixos [x-inho] e [x-zinho] admitem alternância entre os diminutivos, como “*peixinho/peixezinho*”, “*pobrinho/pobrezinho*”, mas, segundo o gramático, essa variação ocorre sem uma motivação aparente.

Até então, a descrição de [x-inho] e [x-zinho] para as motivações estruturais da escolha de um ou outro sufixo era consenso entre os gramáticos. Os sufixos eram considerados alomorfes, principalmente, em virtude das semelhanças flexionais que apresentavam esses sufixos (SAID ALI, 1964; CUNHA; 1971; ROCHA LIMA, 1972; CUNHA; CINTRA, 1985). Para os gramáticos, o processo de alomorfa considerava [x-inho] como o único formador. Se emergia o morfofonema /z/, era para satisfazer a formação estrutural das palavras (evitar-se o hiato, preservar a estrutura silábica de base e o acento marcador).

Na passagem entre o século XVII e o século XVIII, o emprego dos sufixos para os diminutivos tem uma forte modificação por dois motivos: i) outros significados começaram a ser reconhecidos nas gramáticas; (ii) e a identificação dos aspectos de outros sufixos diminutivos, além de [x-inho] e de [x-zinho], começaram a ser descritos na norma padrão (SANTANA, 2017). No que se refere ao uso e ao significado dos sufixos, Fonseca (1799, p. 25-26) descreve [x-inho] e [x-zinho] como sendo os mais comuns para terminar os substantivos e alguns sufixos como [x-ete] e [x-eta] tinham o significado de depreciação para com alguns substantivos, como também o sufixo [x-ino] para outros adjetivos como “*pequenino*” e “*tamanhinho*” tinham significado de apreciação.

A partir do século XIX, outros significados começam a surgir nas gramáticas (SANTANA, 2017). Cunha e Cintra (1985) descrevem o diminutivo como ideia de redução ou de diminuição, porém inserem o sentido da forma diminutiva carregada de “atenuação ou valorização afetiva”. Por sua vez, Rocha Lima (1992) apresenta duas espécies de diminutivos: com gradação dimensiva (indicando aumento ou diminuição de tamanho a determinado ser) e com gradação intensiva (aqui, somente para os adjetivos, apresentando intensidade maior ou menor para

determinada propriedade). Bechara (2009) apresenta os substantivos com uma significação diminuída, auxiliados por sufixos derivacionais, mas também apresenta diminutivos afetivos (BECHARA, 2009).

A partir do século XX, com a variação semântico-pragmática dos diminutivos, a questão da formação dos diminutivos nos sufixos [x-inho] e [x-zinho] ser dependente ou não começa a ser repensada. É somente com os estudos descritivos na Linguística que tanto [x-inho] e [x-zinho] são considerados formas diferentes, e essa questão tem como impacto o entendimento dos efeitos de frequência e distribuição entre os níveis linguísticos sobre os sufixos diminutivos.

Os sufixos [x-inho] e [x-zinho] nos diminutivos e os níveis linguísticos

Sobre a constituição de palavras com os sufixos diminutivos, não há consenso: há autores que defendem a ideia de que os sufixos são derivacionais (CÂMARA Jr., 1970); há outros que defendem um modelo de palavras fonológicas (LEE, 1992; 1995); ou surgem novos modelos para explicar a formação dos diminutivos, como a derivação por sufixação e a composição fonológica por sufixação (LEITE, 1974; BRAKEL, 1981; MENUZZI, 1993).

Independentemente das explicações teóricas, notamos que, no uso linguístico, a alternância e a distribuição desses sufixos, mesmo havendo uma configuração fonética e semântica semelhante, são diferentes: a escolha de um ou de outro sufixo atende a efeitos de distribuição e frequência a partir de propriedades fonéticas, sintáticas e semânticas.

Do ponto de vista morfofonológico, a constituição de um léxico de palavras diminutivas considera como principal fator condicionador a tonicidade (acento marcador) nas bases morfológicas (BISOL, 1992; 2010, LEE, 1995; 1999; 2013). Lee (1995), em uma abordagem da Fonologia Lexical prosódica, entende que o léxico na língua apresenta dois estratos: nível 1 – os processos derivacionais e a flexão irregular - e o nível 2 – abarcando a formação mais produtiva (sufixos –inho e –zinho + advérbio (mente) + grau (-íssimo) e a flexão regular). Os sufixos dos diminutivos [x-inho] e [x-zinho] possuem comportamentos fonológicos e morfológicos bem diferentes de operações como derivação, flexão e composição, de modo que, à primeira vista, os diminutivos parecem alomorfes, no entanto, devido a não se apresentarem em distribuição complementar, são independentes (LEE, 1999; 2013).

Do ponto de vista morfossintático, a formação dos diminutivos nas formas [x-inho] e [x-zinho] não altera e nem determina a categoria sintática da base, da mesma forma que não altera e nem determina a estrutura argumental (VILLALVA, 2000; 2014). Os diminutivos são associados às diversas categorias (nomes, adjetivos, interjeições, verbos) no português do Brasil. Para isto, algumas características são elencadas para os sufixos no português:

- a. Mantêm a mesma categoria sintática de base
- b. Mantêm a estrutura argumental da base
- c. Mantêm as propriedades morfo-semânticas da base
- d. Modificam a interpretação semântica da base
- e. Ocorrem à direita dos sufixos derivacionais
- f. Precedem a flexão externa (VILLALVA, 2000, p. 301)

Do ponto de vista morfossemântico, as formações diminutivas, no português brasileiro, ocorrem em diferentes situações de uso, modificando-se a sua interpretação de sentido. Os sufixos podem veicular uma variedade de noções semânticas relacionados à base morfológica, constituindo diversos significados aos diminutivos. Alves (2006) propõe uma categorização em três tipos de sufixo [x-inho]: o primeiro tipo “inho1” continua sendo um primitivo com características prototípicas de diminutivo (aplicação de operador, categoria de base e função de modificação), não havendo entonação daquela prevista no marco da palavra; o segundo e o terceiro tipo (“inho2” e “inho3”) envolvem processos cognitivos diversos, nos quais perdem valor semântico prototípico e adquirem valor funcional durante o ato ilocutório.

Por isso, os sufixos [x-inho] e [x-zinho] são inclusos no rótulo de afixos modificadores (eles não são nem complemento nem especificador, pois não estão no núcleo), porque são “adjuntos que operam apenas semanticamente” (VILLALVA, 2014, p.88). Por isso, são chamados de sufixos avaliativos: a sua adjunção a uma base provoca uma modificação de caráter semântico, mas não afeta suas propriedades gramaticais. Entretanto, no campo da sociolinguística, principalmente com os estudos de produção e o método de pesquisa laboviano, a alternância de [x-inho] e [x-zinho] revela que há efeitos entre as variáveis morfológicas, fonéticas e sintáticas para a formação dos diminutivos, indicando que em um contexto mais próximo do vernáculo há interdependência entre os fatores linguísticos.

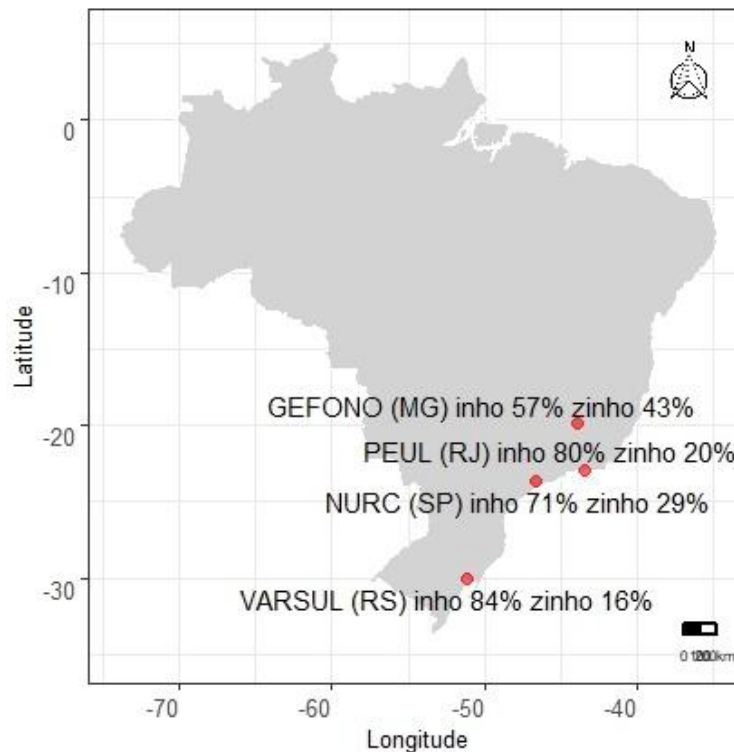
A alternância de [X-inho] e [X-zinho] nos diminutivos

Para demonstrar diferenças na distribuição de [x-inho] e [x-zinho]² em variedades do português brasileiro, sistematizamos os percentuais de distribuição (Fig. 01) observados em amostras de fala de diferentes regiões do Brasil. A distribuição dos percentuais refere às pesquisas com amostras de fala em diferentes regiões do Brasil: no Sul, nas cidades de Porto Alegre e em Curitiba, com dados do VARSUL (TEIXEIRA, 2008); no Sudeste, na cidade Rio de Janeiro, com dados do PEUL e D&G (BARBOSA; FREITAS, 2014); em São Paulo, na

2 O mapa a seguir foi criado utilizando o pacote *ggsn* (v. 0.5.0) [<https://github.com/oswaldosantos/ggsn>] na plataforma R (CORE TEAM, 2018). A construção para o mapa é feita com as coordenadas dos respectivos locais das pesquisas realizadas no sistema mais comumente utilizado, o WGS 84. As informações espaciais são compostas de no mínimo três colunas: latitude, longitude e identificação do ponto. Em seguida, acrescenta os dados referentes às porcentagens da distribuição da alternância de [x-inho] e [x-zinho].

capital, com dados do NURC (COSTA, 2002); e em Minas Gerais, nas cidades de Mariana e de Piranga, com Banco de Fala GEFONO (FELICE, 2015).

Figura 01: Distribuição de [x-inho] e [x-zinho] por regiões no Brasil



Fonte: Elaboração própria

Nas variáveis linguísticas, os diminutivos são associados aos contextos de nomes (substantivos + adjetivos), condicionados por fatores morfofonêmicos (tonicidade) e fatores morfossintáticos (número de sílaba de base e finalização da base). Nas variáveis sociais, gênero social (masculino e feminino) e idade são marcadores sociodialetais para o uso dos sufixos nos diminutivos, fato que não ocorre com a escolaridade: independentemente do grau de instrução das pessoas não há interferência na produção dos diminutivos (COSTA, 2002; TEIXEIRA, 2008; MENDES, 2012; SANTANA, 2017; CHAVES, 2006; FREITAS; BARBOSA, 2013; BARBOSA; FREITAS, 2014).

Em variedades do Sudeste, a acentuação da base morfológica exerce influência na distribuição das formações diminutivas: as construções de [x-zinho] aparecem em bases de acentuação oxítônica (334/544) com 61,4%, ao invés de construções paroxítonas (208/544) com 38,2% e proparoxítonas (2/544) com 0,4%, ao passo que as formações de [x-inho] apresentam altos percentuais de base com acentuação paroxítona (2583/2658) com 97,17% ao invés das palavras proparoxítonas (73/2658) com 2,74%, e oxítonas (2/2658) com 0,075% (BARBOSA; FREITAS, 2014).

Em relação à classe gramatical, há maior formação de diminutivos com nomes do que com não nomes (SCHULTZ, 1997; BARBOSA; FREITAS, 2014). Nas variedades do Sul, as classes gramaticais mais associadas ao sufixo [x-zinho] são substantivos e adjetivos (126/708), ao invés de advérbios, pronomes e outras classes (1/97) (TEIXEIRA, 2008).

Em relação à última sílaba da base na formação dos diminutivos, há maior ocorrência de [x-inho] na última sílaba quando anexada à base derivacional, pois não possui vogal temática e a vogal final do vocábulo faz parte da base morfológica (TEIXEIRA, 2008), indicando que o ambiente mais favorável para o sufixo [x-inho] é com vocábulos de bases terminadas em vogal (2149/2227), com 96,5%, do que finalização com ditongo (54/2227), com 2,4%, e consoante (24/2227) com 1,1%. Há o predomínio do sufixo [x-zinho] com bases terminadas em consoantes (127/544), com 23,3%, ou ditongos (100/544), com 18,4%, ao invés de vogais (317/544) com 58,3%, que favorecem o emprego dos diminutivos com esse sufixo (BARBOSA; FREITAS, 2014).

Quanto ao número de sílabas da base, em variedades do Sudeste, o sufixo [x-inho] está associado a bases dissílabas (261/431) com 60,5%, e trissílabas (159/431) com 36,9% ao invés de polissílaba (11/431) com 2,6% e monossílabas (0/431) com 0%. Em contrapartida, o sufixo [x-zinho] apresenta maior distribuição em monossílabas (39/71) com 54,9%, no entanto, com diferenças nas dissílabas (26/71) com 36,6%, trissílabas (6/71) com 8,5% e polissílabas (0/71) com 0% (BARBOSA; FREITAS, 2014).

Os estudos descritivos apontam que a produção dos diminutivos com os sufixos [x-inho] e [x-zinho] está associado com sua base morfológica, sofrendo influência de fatores morfofonêmicos (tonicidade e finalização da base), morfossintáticos (extensão silábica) e morfossemânticos (função semântica). No entanto, observamos que há diferenças regionais nos resultados. Além disso, há ausência de estudos que considerem a alternância entre [x-inho] e [x-zinho] na região Nordeste. Por isso, assumimos que os sufixos [x-inho] e [x-zinho] desempenham mais de uma função, configurando uma situação de variação semântico-pragmática, condicionada por fatores morfofonêmicos, morfossintáticos e morfossemânticos, mas que são sensíveis aos valores dialetais. Assim, ampliamos o escopo dos estudos descritivos da alternância entre [x-inho] e [x-zinho] no português brasileiro, ao investigar o comportamento do fenômeno em uma amostra de fala da região Nordeste.

Método

Para identificar as associações existentes entre os sufixos diminutivos [x-inho] e [x-zinho] com os condicionadores morfofonológicos, morfossintáticos e morfossemânticos, controlamos a frequência dos itens diminutivos com [x-inho] e [x-zinho] em uma amostra de 32 entrevistas sociolinguísticas com estudantes universitários estratificadas por sexo/gênero (homens e mulheres autoidentificados pelo gênero social) pertencentes ao Banco de Dados de Fala Falares Sergipanos (FREITAG, 2017)

O levantamento das ocorrências dos diminutivos com [x-inho] e [x-zinho] realizou-se pelo comando de busca no *software* Elan, versão 5.2 ELAN (HELLWING; GEERTS, 2013). Nas entrevistas, foram identificados 400 diminutivos os quais foram codificados quanto aos condicionadores base, tonicidade, extensão, classe e valor semântico.

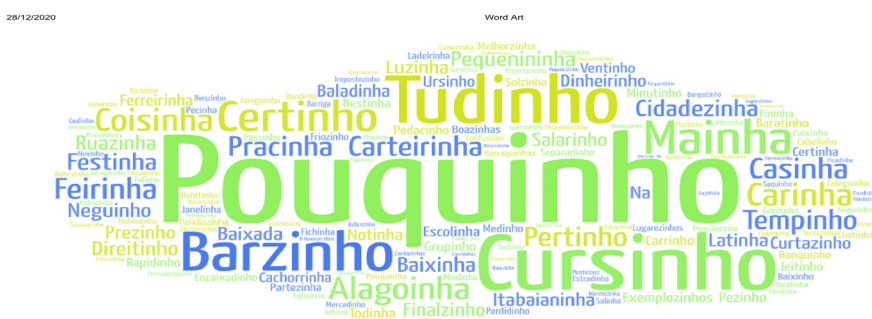
Para a variável base, consideramos quatro contextos da finalização da base morfológica: consoante, ditongo, vogal tônica e vogal átona; para a variável tonicidade, consideramos a classificação da proeminência padrão do português: oxítona, paroxítona e proparoxítona; para a variável extensão, classificamos os itens lexicais diminutivos pelo número de sílabas em cada palavra: uma sílaba, duas sílabas e três ou mais sílabas; para a variável classe, organizamos os contextos em nomes (substantivos e adjetivos) e outras classes (pronomes, formas verbais e advérbios); para a variável valor semântico, consideramos cada realização do diminutivo por participante e identificamos, a partir da nossa intuição enquanto analista e falante da língua, o possível valor de significação mediante pistas contextuais da entrevista³. O critério para a classificação do valor semântico do diminutivo tem amparo no consenso entre os instrumentos normativos: tamanho reduzido, intensidade, carinho e desprezo (CUNHA; CINTRA, 1985; ROCHA LIMA, 1992; BECHARA, 2009; BAGNO, 2012).

Posteriormente, os dados foram submetidos a uma análise estatística para observar se existia diferença na distribuição da variável dependente (sufixos [x-inho] e [x-zinho]) entre as variáveis independentes (base, tonicidade, extensão, classe, valor e gênero). Para isto, escolhemos h_0 considerando que as variáveis eram independentes (não eram associadas) e h_1 não eram independentes (eram associadas). Os dados foram analisados na plataforma R (CORE TEAM, 2018) com a função *chisq.test* para o teste estatístico do *qui-quadrado* de Pearson. Os resultados serão apresentados em forma de gráficos com a utilização do pacote estatístico *ggstatplot* (PATIL; POWELL, 2018).

Resultados e discussões

Excluídos os diminutivos lexicalizados, como *sozinho/sozinha*, *salgadinho* e *coxinha* (tipo de salgado), *cebolinha* e *batatinha* (tipo de verdura), *patricinha* e *quentinha*, analisamos 400 ocorrências na amostra de 32 entrevistas sociolinguísticas. Segue abaixo uma nuvem de palavras com todas as ocorrências extraídas:

Figura 02: Nuvem de palavras dos diminutivos nas 32 entrevistas sociolinguísticas



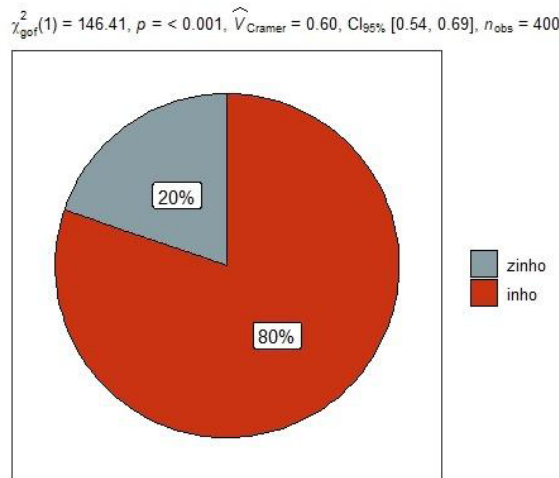
Fonte: Elaboração própria (2020)

3 Para saber mais sobre pistas contextuais e a identificação do sentido atribuído ao diminutivo, pesquisar em: PINHEIRO, B. F. M. Pistas linguísticas e paralinguísticas para o sentido dos diminutivos.

Houve repetições de palavras para os seguintes nomes: *todinha* (2), *ursinho* (2), *ventinho* (2), *separadinho* (2), *Baixada Cachorrinha* (2), *baixinha* (2), *banquinho* (2), *baratinho* (2), *certinha* (2), *encaixadinho* (2), *escolinha* (2), *festinha* (2), *jeitinho* (2), *barraquinhas* (2), *ruazinha* (3), *salarinho* (3), *finalzinho* (3), *dinheirinho* (3), *direitinho* (3), *cidadezinha* (4), *feirinha* (4), *casinha* (5), *pracinha* (5), *exemplozinhos* (4), *carteirinha* (6), *carinha* (6), *mainha* (9), *alagoinhas* (8), *coisinha* (8), *pedacinho* (9), *certinho* (17), *barzinho* (19), *cursinho* (23), *pouquinho* (45). Na amostra, houve a realização de duas palavras com os dois sufixos: *besta* (*bestinha/bestazinha*) e *boa* (*boazinha/boinha*) para o mesmo item lexical.

Para verificar se a distribuição observada dos sufixos nos diminutivos é estatisticamente diferente do esperado, realizamos o teste de *qui-quadrado* de *Pearson* (χ^2).

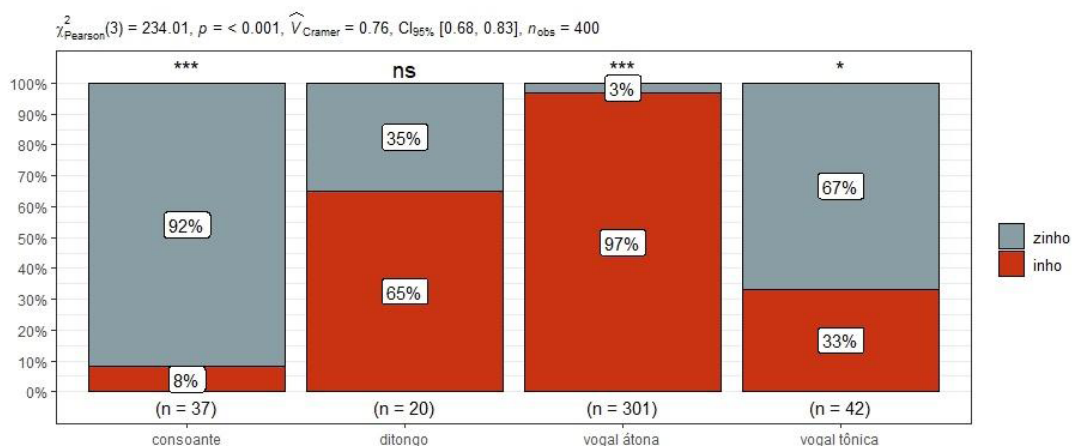
Gráfico 1: Distribuição de [x-inho] e [x-zinho] nos diminutivos



Fonte: Elaboração própria (2020)

No Gráfico 1, observamos que o uso é maior de diminutivos com [x-inho] (80%, n= 321) do que com [x-zinho] (20%, n= 79) e essa diferença mostrou ser estatisticamente significativa ($\chi^2 = 146.41(1), p < 0.001$), mas com associação entre as variáveis mediana ($V_2 = 0.60$). Essa distribuição sugere que [xinho] e [x-zinho] possuem comportamentos fonológicos e morfológicos diferenciados. Para demonstrar o cruzamento dos níveis, buscamos verificar a distribuição da variável dependente [x-inho] e [x-zinho] e sua associação entre os níveis das variáveis independentes (base, tonicidade, extensão, classe e valor).

Gráfico 2: Distribuição de [x-inho] e [x-zinho] nos diminutivos quanto à base morfológica



Fonte: Elaboração própria (2020)

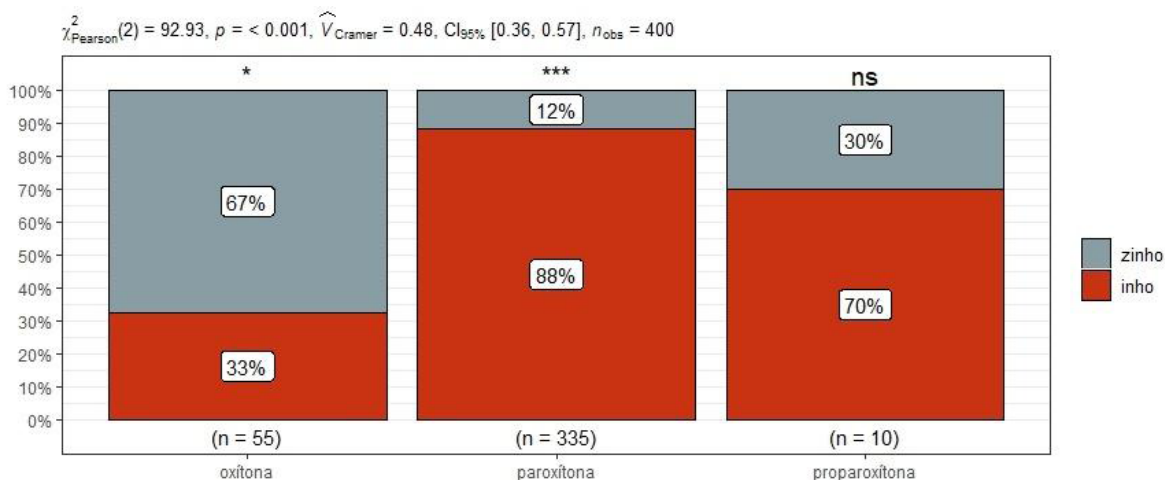
No Gráfico 2, apresentamos a distribuição dos sufixos em relação à base morfológica dos diminutivos. A distribuição de [x-inho] é maior nos diminutivos com vogal átona (97%, n=301), seguido de ditongos (65%, n=20), ao passo que as formações com [x-zinho] são mais recorrentes com consoantes (92%, n=37) e vogal tônica (67%, n=42). Essa diferença entre os grupos foi significativa estatisticamente ($\chi^2(3) = 234.01$, $p < 0.001$), com associação forte ($V_2 = 0.76$).

No que tange à base morfológica, verificamos que houve os casos que confirmaram a regra geral de aplicação de [x-inho] e de [x-zinho], mas também aqueles que foram discordantes com a tendência mais geral nos estudos Sul e Sudeste. Essa variação nos contextos referentes às regras fonológicas e morfossintáticas talvez apareceu na amostra pelo fato de a literatura fonológica/morfológica não se basear em dados empíricos, o que pode levá-la a não prever os casos discordantes (LEE, 1992; 1999; VILLALVA, 2000; 2014). Com isso, identificamos que a aplicação dos sufixos diminutivos seja sensível a valores dialetais (COSTA, 2002; TEIXEIRA, 2008; FREITAS; BARBOSA, 2013; BARBOSA; FREITAS, 2014):

- Se termina com vogal átona, a escolha predominante foi [x-inho]: *corpinho, pracinha*. Mas, houve 3% com alternância de [x-zinho]: *carameladozinho, curtazinho*
- Se termina com vogal tônica, a maior probabilidade foi [x-zinho]: *pezinho, bonezinho*. Mas, houve 33% com alternância para [x-inho]: *xodoinho, araçainho, bisturinho*
- Se termina em ditongo, a escolha predominante foi [x-inho]: *mainha, painho*. Mas, houve 35% com alternância para [x-zinho]: *paixãozinha, noçãozinha*.
- Se termina com consoante, o emprego pode ser com [x-zinho]: *solzinho, barzinho, lugarzinho, florzinha, cruelzinho*. Mas, para as consoantes –s ou –z, houve 8% em que o emprego foi [x-inho], indicando contextos de neutralização: *lapisinho, cartazinho, cuscuzinho*.

Ao identificar a distribuição regular, constatamos que os sufixos [x-inho] e [x-zinho] não alteram a categoria por causa da inalteração da base morfológica. O sufixo [x-inho] não se liga a uma palavra, mas sim ao radical e, por sua vez, o sufixo [x-zinho] liga-se a uma base já dotada de marcador e flexionada (MORENO, 1997).

Gráfico 3: Distribuição de [x-inho] e [x-zinho] nos diminutivos quanto à tonicidade

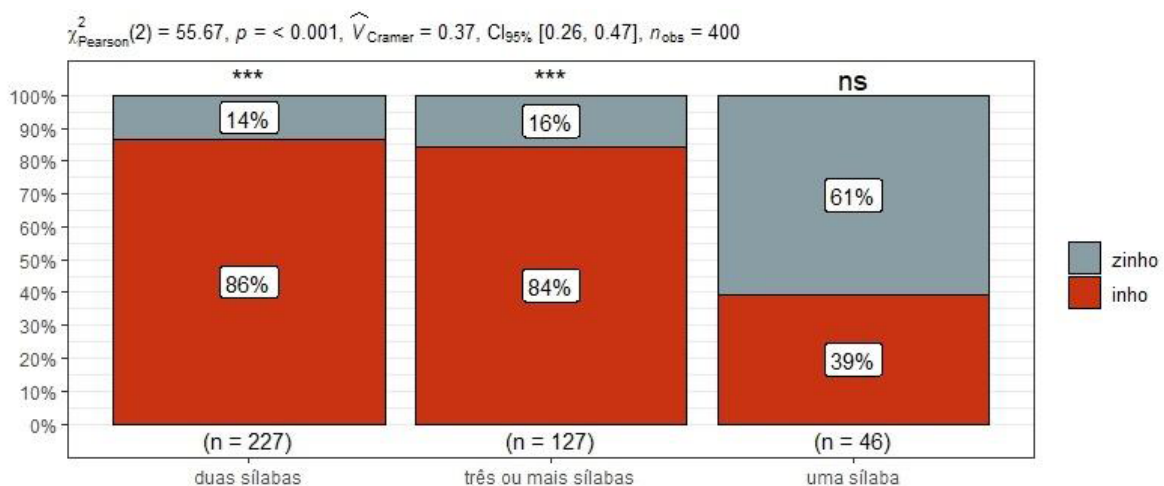


Fonte: Elaboração própria (2020)

No Gráfico 3, a distribuição de [x-inho] e de [x-zinho] apresenta a associação com a tonicidade e observamos que a distribuição de [x-inho] é maior nos contextos de paroxítona (88%, n=335) e proparoxítonas (70%, n=10), ao passo que as formações com [x-zinho] são mais maiores nas oxítonas (67%, n=55). Essa diferença é estatisticamente significativa ($\chi^2(2) = 92.93, p < 0.001$), com associação fraca ($V^2 = 0.48$).

Ao observar os usos dos sufixos [x-inho] e [x-zinho], identificamos que a distribuição referente à tonicidade desses sufixos favorece para um contexto de variação morfofonológica, independentemente da posição da sílaba tônica. Logo, nesta amostra, parece que a alternância entre os sufixos está condicionada ao padrão acentual da língua, como aponta Teixeira (2008, p. 18) “Os sufixos [x-inho] e [x-zinho] têm um contexto de aplicação condicionado fonologicamente pelo padrão acentual da língua” (TEIXEIRA, 2008, p. 18)”. Ou seja, existe uma redução vocálica para [x-inho] enquanto há um alongamento da vogal tônica com [x-inho].

Gráfico 4: Distribuição de [x-inho] e [x-zinho] nos diminutivos quanto à extensão da sílaba



Fonte: Elaboração própria (2020)

Quanto à extensão da sílaba, no Gráfico 4, observamos que a distribuição de [x-inho] é maior nos diminutivos com duas sílabas (86%, n=227), seguido de três ou mais sílabas (84%, n=127), enquanto as formações com [x-zinho] são mais recorrentes diminutivos com única sílaba (61%, n=46). Essa diferença é estatisticamente significativa ($\chi^2(2) = 55.67, p = 0.001$), com associação fraca ($V^2 = 0.37$).

De modo geral, temos o predomínio do sufixo [x-inho] para bases dissílabas, trissílabas e polissílabas, enquanto o sufixo [-zinho] predomina em bases monossílabas. Entretanto, é necessário um modelo estatístico mais refinado para observar se há de fato interdependência entre as variáveis extensão do número de sílabas, de tonicidade e de base.

Quanto à alternância de [x-inho] e de [x-zinho], um modelo de regressão generalizado linear, Tabela 1, foi construído para verificar os efeitos dos contextos independentes (base, tonicidade e extensão) na variável dependente ([x-inho] e [x-zinho]). O modelo incluiu essas variáveis para identificar se o efeito era em conjunto ou não (fórmula: sufixo ~base + tonicidade + extensão + classe + valor).

Tabela 1: Modelo de regressão generalizado linear da alternância de [x-inho] e [x-zinho] nos diminutivos

vd			
<i>Predictors</i>	<i>Odds Ratios</i>	<i>CI</i>	<i>p</i>
(Intercept)	142.26	14.77 – 1972.91	<0.001
tonicidade [paroxítona]	0.05	0.01 – 0.39	0.006
tonicidade[proparoxítona]	0.81	0.02 – 20.98	0.898
base [ditongo]	0.03	0.00 – 0.13	<0.001
base [vogal átona]	0.00	0.00 – 0.01	<0.001
base [vogal tônica]	0.19	0.04 – 0.72	0.023
extensao [três ou maissílabas]	1.61	0.59 – 4.49	0.350
extensao [uma sílaba]	0.06	0.01 – 0.14	<0.014
Observations	400		
R ² Tjur	0.630		

Fonte: Elaboração própria (2020)

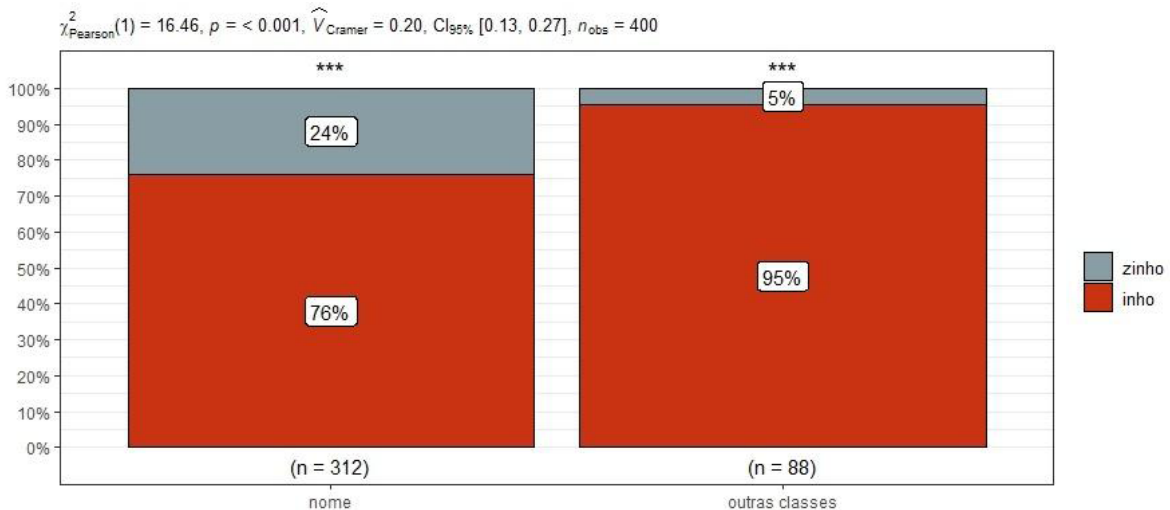
O modelo GLM com todas as variáveis apresentou significância estatística ($\beta = -5,32$, $z = 4.46$, $p > 0.001$) e o poder explanatório é substancial (Tjur's $R^2 = 0.630$). O valor do intercepto corresponde a sufixo = zinho, tonicidade = oxítona, base = consoante, extensão = duas sílabas e classe = nome. Os efeitos que obtiveram maior interferência na variável foram base e tonicidade: o efeito da base para o sufixo [x-inho] é positiva e baixo para bases de ditongos (0.03, $p > 0.001$) e átonas (0.00, $p > 0.001$), já para base tônica é positiva e alta (0.19, $p > 0.023$), ou seja, maior razão de chances de aparecer [x-inho] em bases vocálicas (*amiguinho, pouquinho, cadeirinha*) do que [x-zinho] (*barzinho, solzinho, corredorzinho*).

O efeito da tonicidade para [x-inho] foi positivo para paroxítonas (0.05, $p > 0.006$), ou seja, há maior razão de chances de os falantes empregarem [x-inho] em ambientes postônicos (*criancinha, curtinha, baixinho*) do que pretônicos (*finalzinho, legalzinho*) ou tônicos (*barzinhos*). As vogais postônicas e ditongadas promovem uma descaracterização na estrutura da palavra no último segmento (carro – *carrinho*), diferentemente do que ocorre em vogais pretônicas e tônicas (pé – *pezinho* / décimo - *decimozinho*), tornando difícil a construção de [x-inho] em bases oxítonas.

Nessa amostra de fala universitária sergipana, observamos que o emprego de palavras que terminam com vogal favorece [x-inho], exceto no caso de proparoxítonas, isso indica que a base morfológica e a tonicidade não são independentes entre si, como apontado pelos estudos descritivos do Sul e Sudeste (COSTA, 2002; TEIXEIRA, 2008; FREITAS; BARBOSA, 2013; BARBOSA; FREITAS, 2014). Talvez, esse resultado configure que a alternância de [x-inho] e [x-zinho] na formação dos diminutivos seja mais sensível à questão de valores dialetais, considerando que a amostra é referente ao Nordeste.

O efeito da extensão para [x-zinho] foi positivo para ambientes de uma sílaba (0.06, $p > 0.014$), ou seja, maior razão de chances de empregar [x-zinho] em monossílabos do que [x-inho], como nas palavras *barzinho* e *chazinho*; mas não podemos considerar categoricamente que haja interdependência entre número de sílabas e tonicidade, pois na amostra existe sobreposição entre monossílabos e oxítonos.

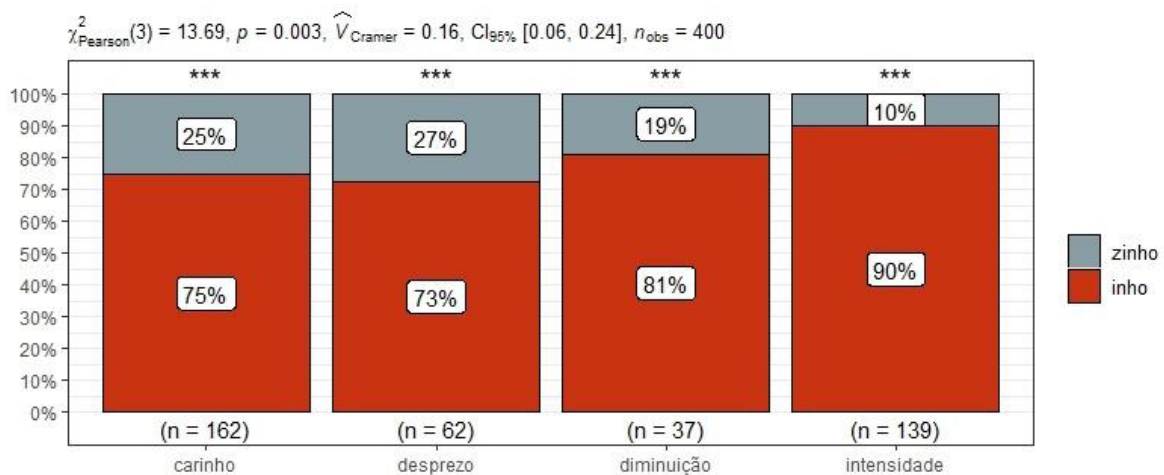
Gráfico 5: Distribuição de [x-inho] e [x-zinho] nos diminutivos quanto à classe gramatical



Fonte: Elaboração própria (2020)

Considerando a distribuição de [x-inho] e de [x-zinho] e sua associação à classe gramatical, no Gráfico 5, notamos que a distribuição de [x-inho] é maior tanto nos nomes (76%, n=312) como em outras classes (95%, n=88), enquanto [x-zinho] tem as menores frequências na classe dos nomes (24%, n=312) e nas outras classes (5%, n=88). Essa diferença é estatisticamente significativa ($\chi^2(1) = 16.46, p = 0.001$), com associação fraca ($V_2 = 0.20$). Esses resultados convergem com o de outros estudos de alternância entre [x-inho] e [x-zinho]: há maior formação de [x-inho] e de [x-zinho] nos nomes ao invés de outras classes no português brasileiro (SCHULTZ, 1997; TEIXEIRA, 2008).

Gráfico 6: Distribuição de [x-inho] e [x-zinho] nos diminutivos quanto ao valor semântico



Fonte: Elaboração própria (2020)

Por fim, quanto à distribuição de [x-inho] e de [x-zinho] e sua associação com os valores semânticos dos diminutivos, no Gráfico 6, notamos que a distribuição de [x-inho] é maior em todos os valores semânticos atribuídos aos diminutivos do que o sufixo [x-zinho]. A distribuição de [x-inho] nos diminutivos segue a seguinte ordem dos valores: intensidade (90%, n= 139), diminuição (81%, n=37), carinho (75%, n=162) e desprezo (73%, n= 62). Essa diferença é estatisticamente significativa ($\chi^2(3) = 13.69, p = 0.003$), com associação fraca ($V_2 = 0.16$).

Na amostra analisada, o maior número de ocorrências não aconteceu com significado de dimensão diminuída, mas sim com outros significados associados à ideia de emotividade ou afetividade. Na amostra analisada, existe uma maior frequência de [x-zinho] para as ideias de carinho e desprezo, e de [x-inho] para intensidade. Logo, podemos considerar que esses sufixos funcionam como modalizadores avaliativos nessas funções (CHAVES, 2006). Tais funções indicam a diversidade de significados associados aos diminutivos, indicando que os sufixos [x-inho] e [x-zinho] tornam-se elementos modalizadores nos contextos de fala real (CHAVES, 2006).

Conclusões

O presente estudo teve como objetivo apresentar resultados da alternância dos sufixos [x-inho] e [x-zinho] partindo das associações entre a escolha de um ou outro sufixo e a associação dos fatores linguísticos que condicionam a distribuição dos sufixos. O sufixo [-inho] não é o único sufixo formador de diminutivo e o segmento [z] de [-zinho] não emerge apenas para satisfazer as condições de formação estrutural (evita o hiato, preserva a estrutura silábica da base e preserva o acento marcador).

Os resultados da análise reforçam as abordagens que tratam de sufixos diferentes: a distribuição e a alternância dos sufixos [x-inho] e [x-zinho] sugerem a existência de dois sufixos diferentes no português brasileiro, identificando que há uma interação entre os níveis linguísticos (morfofonológico, morfossintático e morfossemântico). A seleção de um ou outro sufixo é condicionada aos fatores de natureza estrutural, principalmente a base morfológica e a tonicidade do diminutivo, contribuindo para que haja uma variação semântico-pragmática mais sensível a valores dialetais, entre as variedades do Português Brasileiro.

REFERÊNCIAS

- ALVES, E. O diminutivo no português do Brasil: funcionalidade e tipologia. *Estudos Linguísticos*, vol. 25, n. 1, p. 694-701, 2006.
- BAGNO, M. *Gramática pedagógica do português brasileiro*. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.
- BARRETTO, I. F. *Ortografia da língua portuguesa*. Lisboa: Oficina de Iam de Costa, 1671. Disponível em: <http://purl.pt/18/4/>. Acesso: 12 de mai de 2020.
- BARBOSA, J. S. *Gramática Philosophica da Língua Portuguesa*. Lisboa: Typographia da Academia Geral de Ciências de Lisboa, 1822.
- BARBOSA, M. F. M.; FREITAS, M. A. de. A distribuição e o uso dos diminutivos –inho e –zinho no português brasileiro: uma abordagem pela fonologia de uso. *DLCV*, João Pessoa, vol. 11, n. 1. 2014.

- BARROS, J. de. *Grammatica da Língua Portuguesa*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1540.
- BASÍLIO, M. *Teoria Lexical*. São Paulo: Ática, 1987.
- BECHARA, E. *Moderna Gramática Portuguesa*. 37. e. d. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.
- BISOL, L. Sândi vocálico externo: degeminação e elisão. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Campinas, vol. 23, p. 83-101, 1992.
- BISOL, L. O diminutivo e suas demandas. *D.E.L.T.A.*, São Paulo, vol.26, n.1, p.59-83, 2010.
- BRAKEL, A. Boundaries in a Morphological Grammar of Portuguese. *Word*, Cambridge, vol. 32, p. 193-212, 1981.
- BYBEE, J. *Morphology: a study of the relation between form and meaning*. Amsterdam: Bejamins, 1985.
- CAMARA Jr, J. M. *Estrutura da língua portuguesa*. Petrópolis: Vozes, 1970.
- CÂMARA Jr. J. M. *Dicionário de Linguística e Gramática*. 8. e. d. Petrópolis: Vozes, 1978.
- CARVALHO, M. C. G. *Sistematização funcional dos sufixos avaliativos no português do Brasil*. 2009. 112f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009.
- CHAVES, A. L. A. *O sufixo –inho nas entrevistas do VALPB – uma análise semântico-discursiva*. 2006. 78f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa, Paraíba, 2006.
- COSTA, I. B. Processos morfofonológicos na morfologia derivacional. In: ILARI, R (org.). *Gramática do português falado*. 4. e.d. Campinas: Unicamp. 2002.
- CUNHA, C. F. *Gramática do Português Contemporâneo*. Belo Horizonte: Bernardo Álvares, 1971.
- CUNHA, C. F.; CINTRA, L. *Nova gramática do Português contemporâneo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- FELICE, L. S. *Um estudo variacionista de z(inho) na cidade de Uberlândia*. 2011. 172f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, Minas Gerais, 2011.
- FONSECA, P. J. *Rudimentos da grammatica portuguesa*. Lisboa: Oficina de Simão Thaddeo Ferreira, 1799.

- FREIRE, J. F. *Reflexões sobre a Língua Portuguesa*. Lisboa: Typographia da Academia Geral de Ciências de Lisboa, 1842.
- FREITAG, R. M. K. *Documentação Sociolinguística, coleta de dados e ética em pesquisa*. São Cristóvão: EdUFS, 2017.
- FREITAS, M. A.; BARBOSA, M. F. M. A alternância do diminutivo –inho/-zinho no português brasileiro: um enfoque variacionista. *Alfa*, São Paulo, vol. 57, n. 2, p. 577-605, 2013.
- HALLE, C. J. Prolegomena to a theory of word formation. *Linguistic Inquiry*, Cambridge, vol. 4, n. 1, p. 3-16, 1973.
- HELLWING, B.; GEERTS, J. *ELAN* – Linguist Annotator, 2013. Disponível em: <https://archive.mpi.nl/tla/elan>. Acesso em: 22 de maio de 2020.
- LABOV, William. *Sociolinguistic Patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.
- LEE, S. *Morfologia e Fonologia Lexical do Português*. 1995. 201f. Tese (Doutorado em linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, São Paulo, 1995.
- LEE, S. H. Sobre a formação de diminutivo do português brasileiro. *Revista Estudos da Linguagem*, Belo Horizonte, vol. 8, n.1, p. 113-124, 1999.
- LEE, S. H. Interface fonologia-morfologia: diminutivos no PB. *Revista Diadorim*, Rio de Janeiro, vol. especial, 2013.
- LEITE, Y. *Portuguese Stress and Related Rules*. 1974. 304f. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade de Texas, Austin, Texas, 1974.
- MENDES, R. B. Diminutivos como Marcadores de Sexo/Gênero. *Revista Linguística*, Rio de Janeiro, vol. 8, n. 1, p. 113-124, 2012.
- MENUZZI, S. *On The Prosody of the Diminutive Alternation -inho/-zinho in Brazilian Portuguese*. Ms. HIL/University of Leiden, 1993.
- MORENO, C. *Os diminutivos em -inho e -zinho e a delimitação do vocábulo nominal em português*. 1997. 116f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Rio Grande do Sul, 1997.
- OLIVEIRA, F de. *Gramática da Linguagem Portuguesa*. Vila Real: Centro de Estudos em Letras da Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, 1536.
- PATIL, I.; POWELL, C. *Ggstatsplot: “ggplot2”*, 2020. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/339435483_ggstatsplot_ggplot2_Based_Plots_with_Statistical_Details. Acesso em: 21 abr. 2020.

R DEVELOPMENT CORE TEAM. *A language and environment for statistical computing*, 2019. Disponível em: <http://www.R-project.org/>. Acesso em: 21 abr. 2020.

RIBEIRO, J. *Grammatica portuguesa*. São Paulo: Jorge Seckler, 1881.

ROCHA LIMA, C. H. *Gramática normativa da língua portuguesa*. 32 e.d. Rio de Janeiro: José Olympio, 1992.

SAID ALI, M. *Gramática Histórica da Língua Portuguesa*. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1964

SANTANA, M. dos S. *O sufixo diminutivo em português: forma, funcionamento e significação – do século XIII ao XX*. 910f. 2017. Tese (Doutorado em Filologia e Língua Portuguesa) – Universidade Federal de São Paulo, São Paulo, 2017.

SCHULZ, E. L. *O diminutivo na fala de homens e mulheres em Porto Alegre e São Borja*. 1997. 115f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Rio Grande do Sul, 1997.

SOARES BARBOSA, J. *Gramática Philosophica da Língua Portuguesa*. 6. e.d. Lisboa: Typographia da Academia geral de Ciências de Lisboa, 1975.

TEIXEIRA, T. W. *A forma e o uso dos sufixos –inho e –zinho em variedades do sul do Brasil*. 2008. 95f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Pós-graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Rio Grande do Sul, 2008.

VILLALVA, A. *Estruturas Morfológicas: unidades e hierarquias nas palavras do português*. Rio de Janeiro: Fundação Calouste Gulbenkian, 2000.

VILLALVA, A. *Introdução ao estudo do léxico: descrição e análise do português*. Petrópolis: Vozes, 2014.